



Revista Aspas
ppgac - USP

DOI: 10.11606/issn.2238-3999.v9i1p1-9

Editorial

POÉTICAS E POLÍTICAS DO ARQUIVO NAS ARTES DA CENA

Editorial

**Danilo Silveira
Diego Marques
Sofia Vilasboas Slomp**

Em tempos de inflação de informação, de fabricação de verdades nacionalistas e identitárias e da criação de hiperarquivos pessoais e repetitivos, uma pulsão pela arquivagem vem assumindo lugares de controle no espaço social, seja pela abertura e arquivagem de processos judiciais que paralisam o país, seja na política de abertura e manutenção dos nossos acervos em museus e instituições públicas e privadas, para citar dois exemplos. Derrida (2001) aponta que o “mal de arquivo” se insere dentro de uma dialética, de algo que é, ao mesmo tempo, instaurador e conservador, revolucionário e tradicional, que por querer guardar, destrói, que para garantir a sobrevivência, mata. Na busca de escavar os sentidos etimológicos da palavra “arquivo” evidenciamos sua raiz no termo grego *Arkhé*, em que arquivo se refere tanto ao que é da ordem do começo quanto ao que caracteriza o começo da ordem. O arquivo pode significar o que é do princípio e sustentar o seu poder de inscrição e de registro, como pode também dar lugar ao que é da ordem da erupção, no sentido de dar passagem aos afetos presentes. Se o significado da palavra “arquivo” apenas como documento escrito e probatório de uma lei ganha sempre mais relevância no imaginário social, a possibilidade de pensar arquivo como repertório (TAYLOR, 2013) nos traz um alento para escutar as memórias presentes, uma memória arquivada.

O trabalho com os arquivos nas artes cênicas, em seus diferentes contextos e (re)configurações, nos propõe diálogos com vestígios que elaboram no presente nossos traumas coletivos na tentativa de compor imagens para o que ainda está por vir. Assim, a *Revista Aspas* dedica este número ao tema das poéticas e políticas do arquivo nas artes da cena buscando discutir o potencial performativo do trabalho com e do arquivo, entendendo-o como um dispositivo lacunar e em transformação no interior dos processos de criação e rememoração.

No desejo dialético de inscrição, ato da escrita, e de erupção, afetos que esse ato carrega, as contribuições publicadas nesta edição dão voz e geografia aos arquivos da memória ou memória arquivada. Também mostram a importância de preservar os acervos teatrais e documentos de grupo como lugares que contam a história das artes cênicas e que colaboram com a construção de uma memória compartilhada e coletiva para que ela não seja esquecida. Ainda, damos foco a discussões acerca da persistência de escavar a palavra

“travesti” ao longo da história oficial do teatro ocidental, que deixa até hoje à margem muitos de seus personagens, além do emprego da citação, particularmente em dança contemporânea, que remonta o quebra-cabeça da história da dança e de seus esquecidos até a beleza do traço deixado num mesmo objeto-mesa que ao longo dos anos transfigura-se em gesto e ação na criação teatral.

As pesquisas aqui apresentadas foram realizadas nas artes cênicas no contexto da América Latina e Europa. Isso posto, por entre as seções, o atual número apresenta múltiplas vozes e olhares que, por meio do pensamento diverso, tecem uma aproximação sobre como o arquivo está sendo visto e pensado na arte da cena. Na seção Especial trazemos três pontos de vista sobre o tema que contribuem com distintas discussões traçando um rumo compartilhado: olhar para as ações em relação ao arquivo na cena e como essas ações geram provocações no mundo ao entorno.

Abrindo a seção Especial teremos a entrevista inédita com a pesquisadora Ana Longoni realizada por Paola Zamariola. Nessa entrevista, além de compartilhar seus interesses investigativos sobre a prática do arquivo na arte, Longoni nos relata sobre a atuação do coletivo Red Conceptualismos del Sur, criado a mais de onze anos na cidade de Barcelona por pesquisadores sul-americanos. A partir desse relato, Longoni constrói uma discussão sob o ponto de vista de pesquisadores da América Latina que circunda um entendimento perante a relação da arte e da política discorrendo sobre a existência de processos investigativos colaborativos como modos possíveis de pensar a arte em coletividade. Assim, a entrevista apresentada neste número também colabora com a discussão pensando como a prática arquivada adentra e intensifica reflexões sobre a existência do mercado da arte.

Ainda nessa seção, para fomentar o debate atual sobre as criações em dança, publicamos a tradução do texto da pesquisadora francesa Isabelle Launay, professora do Departamento de Dança da Université Paris VIII. Esse texto faz parte de recente publicação da autora *Culture de l'oubli et citation: les danses d'après II*. Na primeira parte, Launay privilegia o debate sobre o trabalho da citação em dança como um ato potente de atualização e solicitação do passado no presente. Em seguida, a autora nos convida a um olhar genealógico das diferentes cenas que podem

compor uma dança, apontando para sua diversidade de práticas e gestos, de poéticas e políticas de circulação.

Na discussão sobre materialidade como potencialização da memória, temos a delicada contribuição do prof. dr. Fausto Viana (Universidade de São Paulo – USP), com o texto “O teatro de arte de Moscou e seus arquivos: ao vivo e em cores, muitas cores.” Aqui o autor compartilha questões provenientes do seu processo de doutoramento em que se dedicou a pensar sobre o que ele mesmo chama de perspectivas documentais. Assim, o argumento é “tecido” em decorrência do olhar sobre trajes de cena presentes em três das encenações de Stanislavski. Por conta dessa discussão, o autor nos faz indagar sobre as lógicas arquivais historiográficas, provocando uma atualização do que vem ser entendido como documento.

Na seção de Artigos teremos quatro diferentes argumentos sobre o entendimento da prática arquivada nas artes da cena, sendo elas ações documentais, proposições artísticas ou trajetórias empíricas. Com o texto de Fabiana Siqueira Fontana (Universidade Federal de Santa Maria – UFSM), iniciamos as discussões com uma pertinente provocação: como pode-se pensar o encargo da arquivagem documental no teatro nacional? Para problematizar essa questão, a autora esboça um argumento sobre modos documentais de arquivos teatrais e como a política dessa ação está sendo entendida como construção viva de conhecimento e contribuição de área, propondo a ação de guardar como prática de pesquisa não estagnada. Além disso, o texto questiona sobre como podemos assumir e construir uma lógica de acesso democratizada desses materiais. Para se aprofundar nessas questões, a autora problematiza o entendimento sobre o que está em questão na ação de guardar. Assim, a contribuição desse texto vem provocar uma atualização da compreensão sobre as lógicas presentes nas práticas historiográficas e como elas, de fato, contribuem com o acesso aos acervos teatrais do país.

Já no artigo de Pedro Isaias Lucas (Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS), a prática arquivada está sendo discutida a partir da vivência performática do artista Rolando Boldrin. Lindamente o autor não apenas compartilha o que Boldrin representa em sua memória afetiva, mas também se dedica a destacar a produção do artista para a cena, pondo em discussão

o entendimento de arquivo como caráter memorialístico em que o esquecimento é combatido pelo ato narrativo de histórias. Para tanto, o autor aborda a vivência performática como compartilhamento de memórias entre o artista e o público ao defender que as experiências sensoriais das histórias narradas por Boldrin podem ser reconhecidas no imaginário de quem as ouve. Isso, segundo o autor, propõe um entendimento sobre repertório arquivado que é vivo e compartilhado entre os pares.

No texto de Paula Gotelip (Universidade do Estado de Santa Catarina – Udesc), está compartilhada a ação catalográfica do grupo homônimo atuante no cenário teatral há mais de sessenta anos. Assim, a autora destaca em seu texto não apenas a trajetória do grupo cearense, mas principalmente sua atuação perante a manutenção e preservação de seu acervo *teatrográfico* (adereços e publicações dramatúrgicas), além do acervo de demais grupos do Ceará e do Brasil, destacando o entendimento de memória como continuidade artística. Essa discussão se desdobra não apenas por meio da voz da autora, mas principalmente por uma entrevista com Hiroldo Serra, filho de Haroldo Serra e Hiramisa Serra, fundadores do grupo em questão. A entrevista que se encontra no corpo do artigo propõe um mergulho sensível e perceptivo sobre memórias como testemunhos poéticos de uma história presente em nosso contexto social. Esse testemunho sobre o cotidiano processual criativo do grupo vem, por meio desse texto, destacar a relevância da ação catalográfica não apenas como acervo material, mas principalmente como produção artística nacional.

Concluindo essa seção temos o artigo de Dodi Tavares Borges Leal (Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB), em que a autora propõe um convite para uma reflexão que se dedica a abordar um desdobramento territorial das artes da cena em relação com as questões de transgeneridades teatrais, sobretudo na participação textual. Para construir tal argumento, em seu artigo, a autora se dedica a analisar três períodos históricos da linguagem teatral, sendo eles a Renascença Italiana, o Teatro Elizabetano e a Comédie Française. Assim, o texto de Leal nos direciona a uma reflexão urgentemente necessária sobre a política da presença de corpos que almejam ter voz, corpos gritantes, que, porém, foram silenciados e invisibilizados. A presença desse texto em um número que pretende discutir sobre políticas e poéticas

do arquivo nos provoca a pensar sobre como nossa memória cênica está composta por um indelicado coletivo de gigantes lacunas sobre pensamentos empíricos e epistemológicos.

Abrimos a seção Desenho de Pesquisa com a contribuição de Charles Valadares (Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG). No artigo, somos convidados a acompanhar os caminhos percorridos na e pela pesquisa de mestrado em andamento, em que o autor propõe investigar a temática da infância ao estabelecer diálogos entre a produção do poeta brasileiro Manoel de Barros, o conceito de desmontagem elaborado pela pesquisadora cubana radicada no México Ileana Dieguéz e o aporte teórico oferecido pelo filósofo e educador brasileiro Paulo Freire, bem como pelos filósofos franceses Gaston Bachelard e Marleau Maurice-Ponty. De saída, Charles Valadares Tomaz de Araújo faz uma importante contribuição para o presente número da *Revista Aspas* ao articular seu tema com a referida seção da qual seu artigo faz parte. Para nos ajudar a acompanhar os caminhos percorridos na e pela pesquisa de mestrado em andamento, o autor nos oferece a imagem dos andaimes utilizados em uma construção civil, a fim de salientar o valor epistemológico do registro ao enfatizar a relevância dos chamados diários de pesquisa desenvolvidos durante uma determinada investigação. Dessa forma, Charles Valadares nos convida a perscrutarmos uma espécie de compromisso mais ou menos secreto entre a pesquisa e o que o supracitado poeta brasileiro chamava de privilégio do abandono.

De certo modo, tal elogio ao processo também pode ser verificado no uso que o autor faz da referida noção de desmontagem, com a finalidade de expor os percursos da tessitura das relações entre infância, teatro e poesia em cena, sem se ater ao compromisso de concluir a construção de um produto cênico propriamente dito. Nessa perspectiva, Charles Valadares tece com a agulha da precisão um exemplo precioso de costura entre as políticas e as poéticas do arquivo em cena, ao nos contar que seu processo de investigação cênica implicou em visitar um sucatório organizado durante a realização da sua monografia.

Ainda na seção Desenhos de Pesquisa, o presente número da *Revista Aspas* traz a contribuição de Luciano Mendes de Jesus (USP), em que o autor apresenta as problemáticas iniciais desenvolvidas em sua pesquisa de

doutorado em andamento. A partir do compromisso assumido com a sua própria herança afrodiáspórica, o autor nos convida a refletir acerca do papel das artes cênicas na reprodução de uma série de clichês, estereótipos e objetificações promovidas pelos modos de representação das culturas africanas por uma parcela considerável do que tem sido produzido no campo das artes cênicas na atualidade.

Nesse viés, Luciano Mendes de Jesus atenta para os riscos pelos quais as teatralidades contemporâneas incorrem ao agenciar uma certa noção de arquivo responsável pela reprodução, proliferação e perpetuação de um certo cacoete colonial, que não cessa de colocar em cena uma espécie de máquina de produzir alteridades objetificadoras, na e pela qual qualquer relação estabelecida com o que provém do continente africano costuma incorrer por vias necessariamente primitivistas, exotizantes e folclorizadoras. Nesse contexto, o autor aponta para um certo conluio entre as lógicas de determinadas acepções de arquivo e de clichê que frequentemente são responsáveis por colocarem em cena a África como o grande arquivo do mundo ocidental, de onde não cansamos de extrair mistificações imaginárias, alteridades antropológicas e impasses sociopolíticos, que não raramente replicam as armadilhas da inclusão pela exclusão.

O atual número da Revista *Aspas* na seção *Do lado de Fora do Teatro* traz a contribuição de Tiago Lazzarin Ferreira (UFMG). No artigo, o autor revisita sua pesquisa de doutorado, em que investigou a possibilidade de promover aquilo que o filósofo Vilém Flusser conceituou como engajamento estético, ao experimentar práticas percussivas musicais baseadas na linguagem do rap e do jazz com jovens estudantes do ensino médio. A partir dessa experiência, em seu artigo o autor se propõe a começar uma reflexão sobre os sentidos daquilo que chamamos de escola tanto ao evitar retomar as raízes etimológicas do termo em grego quanto ao se recusar a aceitar a escola tal qual ela está no atual estágio de desenvolvimento da sociedade capitalista, isto é, a escola como mero espaço de reprodução das relações sociais. Para tanto, Tiago Lazzarin Ferreira propõe uma conversa entre autores como Muniz Sodré, Diana Taylor, Paul Gilroy e os sambistas Noel Rosa e Vadico, ao nos convidar a imaginarmos a escola pública a partir da noção de Escola de Samba – lugar onde o batuque é um privilégio, uma vez que o samba

nasce do coração. Dito de modo geral, tal exercício de imaginação convoca uma espécie de giro decolonial onde o que está em jogo na escola é o acionamento da presença corporal no e pelo princípio da arché responsável pela transmissão da memória coletiva, capaz de liberar os nossos gestos dos julgos dos roteiros coloniais impostos inclusive no chão da escola pública, por aqueles que não têm cessado de vencer.

Na seção Forma Livre, esta edição da Revista Aspas traz duas contribuições que nos ajudam a pensar de que modo as políticas e as poéticas do arquivo têm sido investigadas em duas importantes referências para a Dança e para o Teatro brasileiros: o Grupo Pró-Posição (SP) e o Grupo Galpão (MG). No ensaio de Kenia Dias (PUC-SP), a autora nos conta sobre os percursos de um tapume de madeira durante uma etapa da trajetória de quase quarenta anos do Grupo Galpão, de Belo Horizonte, Minas Gerais. A partir de um diálogo com referências como Gaston Bachelard, Francis Ponge e Cecília Almeida Salles, a autora ensaia o processo no qual em um período de dez anos um tapume de madeira foi transformado em: um muro que delimitava o dentro e fora do Centro Cultural Galpão Cine Horto, fundado em 1998 pelo próprio grupo; em uma mesa que há anos tem sido marcada por anotações, rabiscos e desenhos feitos pelos integrantes durante as reuniões realizadas na sala de ensaio do grupo; e, mais recentemente, em parte de uma ação performática chamada Rolê. A partir disso, a autora começa a perseguir em seu ensaio a intuição de que aquele tapume de madeira que virou muro, que virou mesa, que virou ação performativa produzindo esfera pública no espaço público, também tenha virado uma espécie de canteiro documental do Grupo Galpão ao registrar informações espaço-temporais, gráficas, verbais que podem ser lidas como testemunhos do processo de reexistência de um importante expoente do teatro de grupo brasileiro, que ainda hoje persiste porque resiste ao existir em meio ao apagamento, esquecimento e negligenciamento da produção artística no Brasil. Dessa forma, a própria materialidade do tapume-muro-mesa-ação também consiste em uma espécie de diário, uma vez que conjuga uma certa política e poética do arquivo.

Por fim, encerramos com o texto-documento “Memórias de mãe e filha”. Andréia Nhur (USP) organiza uma série de arquivos como fotografias, cartas, depoimentos e gestos citados acionados na e por uma dança que emerge no

fluxo de lembranças entre a mãe, a dançarina, coreógrafa e musicista brasileira Janice Viera e a filha, a própria autora. Dessa maneira, Andréia Nhur compartilha os arquivos gerados em uma investigação em dança que articula historiografia e memória, ao documentar diferentes fases da trajetória do Grupo Pró-Posição, fundado por Janice Vieira e Denilto Gomes nos idos dos anos 1970 na cidade de Sorocaba, em São Paulo. Nesse caso, Andréia Nhur nos mostra como as políticas e as poéticas do arquivo confluem em cena quando um dos maiores tributos que podemos prestar a um artista no Brasil pode consistir em transformar a questão da transmissibilidade da memória em um problema coreográfico no e pelo qual as gerações vindouras poderão aprender que se os caminhos da Dança no Brasil lhes parecem árduos, sem nomes como Janice Viera e Denilto Gomes, por exemplo, não haveria sequer caminhos – para fazermos citação a uma máxima proferida pela crítica de dança Helena Katz. É no esforço de contribuir para que possamos continuar dançando para lembrar, que trazemos na capa da presente edição fotografias que registram momentos distintos da trajetória do Grupo Pró-Posição. Uma singela homenagem para que o passado continue passando no presente dando passagem a outros futuros para as artes cênicas brasileiras.

Boa leitura!

Referências bibliográficas

- Barbérís, Isabelle. Introduction: minutes de la création... la fatalité de l'archive? *In*: BARBÉRIS, Isabelle. **L'archive dans les arts vivants**: performance, danse, théâtre. Rennes: Presses Universitaire de Rennes, 2015.
- Derrida, Jacques. **Mal de arquivo**: uma impressão freudiana. Tradução de Claudia Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- Taylor, Diana. **O arquivo e o repertório**: performance e memória cultural nas Américas. Tradução de Eliana Reis. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.